

A relação entre o grupo Concreto Paulista e os integrantes do grupo Vanguarda de Campinas

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto

Orientanda: Livia Diniz Ayres de Freitas

Introdução

Esta pesquisa insere-se dentro de um projeto maior, financiado pelo CNPq e pela FAPESP e coordenado pela Profa. Dra. Maria de Fátima Morethy Couto, o qual tem por objetivo central discutir como se deu a difusão do ideário vanguardista na cidade de Campinas - SP, em especial no campo das artes plásticas, entre os anos 1950 e 1970. Para tal, baseou-se no levantamento e estudo de documentos de época (textos críticos, artigos de jornal, catálogos de exposições, cartas e manifestos), no registro fotográfico e análise de obras.

O enfoque desta pesquisa centrou-se na análise e discussão do interesse dos artistas do Grupo Concreto Paulista em relação ao Grupo Vanguarda de Campinas, bem como resgatou registros dos encontros entre os representantes dos grupos e exposições do Grupo Vanguarda feitas no eixo São Paulo - Campinas e também fora dele.

Para melhor inserir as questões e os desdobramentos dentro deste cenário artístico, a pesquisa apresenta uma contextualização referente ao período citado. Também conta com uma seleção e análise de obras de artistas campineiros, tendo por objetivo apontar semelhanças e diferenças entre as propostas dos dois grupos.

A inserção do concretismo no Brasil

Vivendo ainda um ideário modernista, no qual a pesquisa artística centrava-se na busca de uma identidade nacional, valendo-se de técnicas exploradas por vanguardas européias do início do século XX, algumas exposições realizadas nos grandes centros brasileiros como a *Do figurativismo ao Abstracionismo*, que inaugurou o Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1949, a de Max Bill no MASP, em 1950, e a *I Bienal Internacional de São Paulo*, no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1951, trouxeram novas tendências artísticas através de experiências abstrato-geométricas de importantes artistas estrangeiros que nelas expuseram, resultando na inserção de novos ideais concretistas dentro do cenário artístico nacional.

Esse período da história brasileira também foi marcado pela industrialização do país, que até então mantinha uma economia basicamente agrária. O desenvolvimento industrial brasileiro se deu, principalmente, através da indústria automobilística, dos novos meios de comunicação, novos mercados de trabalho e a construção de Brasília. Tal mudança do contexto sócio-econômico brasileiro foi importante para o surgimento de um novo pensamento estético, no campo artístico, por parte dos artistas simpatizantes do concretismo, o qual visava aproximar as artes dos processos industriais. Esses artistas, em sua maioria, procediam da classe média e quase todos tinham vínculos com os setores empresarial e comercial, exercendo novas profissões, como arquitetos, publicitários, ilustradores, fotógrafos, entre outras, para um mercado de trabalho mais abrangente.

Contrapondo-se aos ideais difundidos pelo modernismo, o movimento concretista buscava uma nova realidade a partir de “uma organização geométrica, numa aproximação constante ao pensamento racional e científico”.¹ Personagens como Waldemar Cordeiro, Geraldo de Barros, Hermelindo Fiaminghi, Maurício Nogueira Lima e Décio Pignatari, entre outros, foram fundamentais para a existência e continuidade do grupo Concreto Paulista, que foi uma das primeiras aberturas do espaço artístico brasileiro para a arte abstrata. Seu lançamento oficial no meio artístico nacional se deu através do Manifesto Ruptura, lançado na primeira exposição do grupo, em 1952, no Museu de Arte Moderna de São Paulo.²

Essa exposição, intitulada Ruptura, assim como o manifesto, se destaca por contrapor-se não só à arte figurativa, como também o abstracionismo expressivo. Através de seu manifesto, os artistas combatem qualquer teor individualista, criticam a arte naturalista e os valores expressivos e simbólicos, conferem às artes um novo lugar, não mais passível de opiniões e sim dedutível de conceitos, como um novo meio de conhecimento, propondo a renovação de valores das artes visuais nas categorias espaço-tempo, movimento e matéria.³ Entretanto, um dos principais críticos de arte atuantes na época, Sérgio Milliet, em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 13 de dezembro de 1952, aborda a exposição *Ruptura* do MAM-SP sem grande entusiasmo. Pelo contrário, demonstra incompreensão e insatisfação quando relata sobre o manifesto, dizendo que “não difere em nada de tantos outros manifestos lançados nos meios artísticos por jovens ainda imaturos” e ainda acrescenta que os manifestos

¹ KLABIN, Vanda Mangia. “A questão das idéias construtivas no Brasil: o momento concretista”. *Gávea. Revista de História da Arte e Arquitetura*. Rio de Janeiro, n. 1, mar, 1985. p. 51.

² COUTO, Maria de Fátima Morethy. *Por uma vanguarda nacional: a crítica brasileira em busca de uma identidade artística (1940-1960)*. Campinas - SP: Ed. UNICAMP, 2004.

³ BELLUZZO, Ana Maria. *Ruptura e Arte Concreta*. in AMARAL, Aracy (org.). *Arte Construtiva no Brasil* - Coleção Adolpho Leirner. Rio de Janeiro e São Paulo: MEC - Pinacoteca do Estado de São Paulo, 1977, Catálogo de Exposição.

“infelizmente falham quase sempre em relação a seu objetivo de esclarecer o público e até de chocá-lo”. Aponta também a crescente proliferação dos gravadores e da arte da gravura figurativa pelo país, demonstrando seu apreço por esta e criticando o concretismo por se preocupar “quase exclusivamente com a forma”.⁴

Em resposta, Waldemar Cordeiro publica um artigo no jornal *Correio Paulistano*, em 11 de janeiro de 1953, em que defende as teorias nas quais o concretismo brasileiro se fundamenta, diz ainda que o manifesto distribuído pelo Grupo, no Museu de Arte Moderna, possuindo apenas uma página, “está longe de constituir um tratado teórico e mesmo um estudo histórico da arte contemporânea”.⁵ Como principal teórico do grupo, Waldemar Cordeiro também publica outros artigos em jornais e revistas, os quais visavam difundir os novos ideais concretistas. Por exemplo, os artigos *O objeto* e *Arte Industrial*, ambos publicados na revista *ad - arquitetura e decoração*. *O Objeto*, de 1956, apresenta as teorias nas quais Cordeiro embasa sua pesquisa formal, objetiva e contrária à arte como expressão de um sentimento. E também seu interesse por uma nova dimensão: o tempo, “tempo como movimento”. Já o artigo *Arte Industrial* é mais objetivo no sentido de que compara claramente um objeto industrializado com a arte concreta e ainda acrescenta que “a industrialização progressiva aumentará e aprofundará a separação entre a arte romântica e artesanal e o concretismo e a arte industrial”.⁶

Outro acontecimento relevante para a inserção do concretismo no cenário artístico nacional foi a *I Exposição Nacional de Arte Concreta*, que aconteceu tanto em São Paulo, no MAM, quanto no Rio de Janeiro, no Ministério de Educação e Cultura, no fim de 1956 e início de 1957, tendo participado artistas dos movimentos concretos atuantes em ambas as cidades, o que permitiu o confronto, pela primeira vez, das tendências concretistas dos dois grupos. O grupo concreto carioca se intitulava Frente e tinha como principais representantes Aloísio Carvão, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Abraão Palatinik, Ivan Serpa, Lygia Pape, Franz Weissmann, entre outros.⁷

A relação entre o grupo Concreto Paulista e o grupo Vanguarda de Campinas

Conforme relata Renata Zago, em sua dissertação de mestrado, também no ano de 1957 acontecia em Campinas a *I Exposição de Arte Contemporânea de Campinas*, no saguão do Teatro Municipal, com trabalhos de Thomaz Perina

⁴ BOHNS, Neiva Maria. *Idéias visíveis. Waldemar Cordeiro e as razões do concretismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996. Artigo de jornal transcrito nos anexos da dissertação.

⁵ *Idem*

⁶ *Ibidem*

⁷ GULLAR, Ferreira. *Etapas da arte contemporânea: do cubismo à arte neoconcreta*. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

e alguns de seus alunos, tendo como objetivo apresentar novos trabalhos ao público campineiro. No ano seguinte, os artistas Thomaz Perina, Raul Porto, Mário Bueno, Franco Sacchi, Maria Helena Motta Paes, Edoardo Belgrado, entre outros, criaram o grupo Vanguarda de Campinas e organizaram a *II Exposição de Arte Contemporânea de Campinas*, no andar térreo do edifício Catedral, com o lançamento do Manifesto Vanguarda, publicado no *Jornal do Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas*, em junho de 1958. Segundo a pesquisadora Renata Zago, “a diagramação do manifesto campineiro é semelhante àquela feita pelo Ruptura, com um projeto gráfico concreto (estruturado segundo a *Gestalt* visual) e palavras de ordem, protesto, muitas vezes em tom panfletário, e a idéia de que a arte do passado estava em crise e que eles eram a renovação”.⁸ Apesar de que o manifesto do grupo Concreto Paulista apresentou essas questões de forma mais evidente, afirmando que “a arte do passado foi grande, quando foi inteligente. Contudo, a nossa inteligência não pode ser a de Leonardo. A História deu um salto qualitativo. Não há mais continuidade! Então nós distinguimos: os que criam formas novas de princípios velhos; os que criam formas novas de princípios novos.”.⁹ A partir de tais comparações, podemos confirmar então um dos primeiros contatos entre o grupo Vanguarda de Campinas e o grupo Concreto paulistano.

Posteriormente, em jornais de Campinas, do final da década de 1950, há relatos da presença dos artistas integrantes do grupo Concreto e dos poetas concretos de São Paulo em Campinas, promovendo exposições, palestras e cursos na cidade. O jornal *Diário do Povo*, de 21 de maio de 1958, traz uma nota sobre uma exposição de Poesia Concreta no Centro de Ciências, Letras e Artes, cujos poetas participantes foram Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos e Ronaldo de Azevedo.¹⁰ Já no jornal *Correio Popular*, de 7 de maio de 1958, há uma nota de uma palestra-debate sobre poesia concreta comandada por Décio Pignatari, programada para o dia 30 de maio, comentando sobre a possível presença dos demais poetas concretos e também sobre a participação de Pignatari na *I Exposição Nacional de Arte Concreta* realizada em São Paulo e no Rio de Janeiro, em 1956 e 1957, composta por poesias, pinturas e esculturas.¹¹ Também no jornal *Correio Popular*, de 28 de abril 1959, há uma menção, do Departamento de Literatura no próprio Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, sobre um curso de arte contemporânea de seis aulas, que foram ministradas por Waldemar Cordeiro, Décio Pignatari, Damiano Cozzela e Alexandre Wollner, considerando temas como a “Evolução da Poesia

⁸ ZAGO, Renata Cristina de Oliveira Maia. **Os salões de arte contemporânea de Campinas**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2007. 160p.

⁹ Manifesto Ruptura.

¹⁰ Anexo 1.

¹¹ Anexo 2.

Contemporânea”, “Arte Concreta”, “Música Contemporânea”, “Arte Industrial” e “Artes Visuais”.¹² Neste mesmo jornal, no dia 05 de maio de 1959, há um artigo sobre a repercussão desse primeiro curso de Arte Contemporânea em Campinas. Além de promover uma conferência em que Waldemar Cordeiro falaria sobre Arte Concreta, confirma a presença dos demais artistas integrantes do Grupo Concretista de São Paulo, dizendo que esses artistas virão à cidade visando “estreitar cada vez mais as relações intelectuais São Paulo-Campinas”.¹³ Tratava-se de um momento único para o cenário artístico campineiro.

Outro ponto importante desse contato entre os grupos se deu através da promoção e apresentação do grupo campineiro no circuito artístico paulistano, através de exposições coletivas e individuais. A exposição de maior relevância, nesse sentido, foi a ocorrida na Galeria de Arte das “Folhas”, em São Paulo, em 22 de agosto de 1959, na qual expuseram os artistas Maria Helena Motta Paes, Franco Sacchi, Geraldo de Souza, Geraldo Jurgensen, Mario Bueno, Raul Porto e Thomaz Perina, do grupo Vanguarda de Campinas. O catálogo da mostra contou com uma apresentação feita por Waldemar Cordeiro, na qual Cordeiro ressaltava a importância da exposição dizendo que “uma mostra-amostra como esta, que nada tem de local, chama a atenção para a complexidade da arte contemporânea, cuja diversificação está longe de poder ser anulada por uma mera negação polêmica e sectária, exigindo, por isso mesmo, uma percepção multidimensional do fenômeno artístico”. Ainda, acrescenta, sobre cada um dos artistas expositores, características em suas obras que as tornavam importantes para a arte do período, mesmo que não tivessem ideais concretistas. Para Cordeiro, era preciso produzir o “novo”, a “nova arte”. Destaca o artista Thomaz Perina como “um artista de grandes possibilidades” e Raul Porto que “envereda diretamente pelo concretismo, exercitando-se na busca das contradições entre óptico e o geométrico”.¹⁴ O interesse em levar para a capital a produção dos campineiros também é explicitado no artigo publicado pelo jornal *Folha da Manhã*, também de 23 de agosto de 1959, quando o jornalista diz que “abriu-se uma exceção nos costumes da Galeria, pois a inauguração se deu em dia de sábado. Com isso visou-se, de maneira especial, facilitar a vinda dos convidados residentes no interior”.

O conhecido crítico de arte da época, José Geraldo Vieira, também comenta a exposição campineira na capital. Em seu artigo publicado no jornal *Folha da Manhã*, de 30 de agosto de 1959, Vieira reconhece a existência de

¹² Anexo 3.

¹³ BOHNS, Neiva Maria. **Idéias visíveis. Waldemar Cordeiro e as razões do concretismo no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996. Artigo de jornal transcrito nos anexos da dissertação.

¹⁴ CORDEIRO, Waldemar. **Artistas de Campinas**. Galeria de Arte das “Folhas” - São Paulo, 1959. Catálogo de exposição.

um novo centro produtor de arte moderna, muito embora não demonstre grande entusiasmo, por exemplo, quando diz que “não é raro ver-se o elemento da chamada província invadir as metrópoles, como também é comum certos centros de província (...) se tornarem outros tantos Barbizons das artes”. Diz também sobre a variedade da produção artística dos integrantes do Grupo Vanguarda e compara um de seus membros, o Raul Porto, a artistas de São Paulo, dizendo que sua obra “obtem mercê de linhas de força e de vibração, efeitos óticos e geométricos no gênero do mesmo diapasão de Fiaminghi e Charoux” e ainda acrescenta que considera os desenhos de Raul Porto “um dos ápices da atual exposição de artistas de Campinas”.¹⁵

Os jornais campineiros também traziam reportagens sobre o desempenho e envolvimento dos artistas do grupo Vanguarda em exposições em São Paulo, como o *Jornal de Campinas*, de 4 de agosto de 1959, em que Alberto Amendola Heinzl publica um artigo intitulado *Grupo Vanguarda*. Já no início, ele afirma sobre o grupo que “admiram-se artistas e críticos de São Paulo pelo fato de um grupo integrado por elementos de tendências heterogêneas e até discordantes, ter conseguido, não somente subsistir, mas modificar preconceitos a respeito da chamada arte de província” e ainda acrescenta que se “não fosse o grupo, criando condições favoráveis a uma evolução e, inclusive, uma mentalidade crítica interna para sanar a inexistência de interesses participantes, não teríamos, pelo menos tão cedo, a projeção que tivemos, com artistas nossos participando de mostras importantes - destacando-se a V Bienal e o VIII Salão Paulista de Arte Moderna”.

Além do interesse que os artistas do grupo Concreto Paulista demonstravam pelo grupo Vanguarda, existiram outras figuras importantes para a difusão do grupo campineiro no cenário artístico do interior e da capital como o poeta e crítico Alberto Amendola Heinzl, o próprio artista Raul Porto e José Armando Pereira da Silva. Os três anteriormente citados, mais o artista Thomaz Perina, integravam a equipe responsável pela página *Minarete-Experiência*, encarte que constou do jornal *Correio Popular* de Campinas, entre 1960 e 1962. Essa página foi um dos principais veículos utilizados pelo grupo Vanguarda, contando com “a abordagem de temas polemizados pelos concretistas e divulgação de autores ligados ao movimento” indicando influências e afinidades.¹⁶ O caderno “Minarete-Experiência” e os dois números do jornal do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas (que não teve continuidade nesse formato e direção) cumpriram timidamente a função de estampar um pensamento local sobre a vanguarda”.¹⁷

¹⁵ Anexo 4.

¹⁶ FONSECA, Days Peixoto; SILVA, José Armando Pereira da. **Thomaz Perina - Pintura e Poética**. Campinas: [s.n.], 2005

¹⁷ SILVA, José Armando Pereira da. **Thomaz Perina e a Vanguarda em Campinas**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 2005.

O poeta Alberto Amendola Heinzl também participou da difusão do grupo através de seus artigos nos jornais da cidade de Campinas e também na apresentação dos catálogos das exposições realizadas em Campinas e em outros centros. Amendola Heinzl “trabalhava a linguagem experimental da poesia” e “em seu discurso poético, (...) utiliza da imagem gráfico-espacial, resultando numa experiência formal-sensorial de poema-objeto”.¹⁸ Publicou alguns de seus poemas nas revistas do *Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas* e em jornais da cidade. Em outubro de 1958, publica sete poemas na revista do *Centro de Ciências Letras e Artes*, que conta com uma ilustração na capa, realizada por Raul Porto.¹⁹

Além de responsável pela programação visual da página *Minarete-Experiência* e de participações em ilustrações de revistas, livros e programas de teatro e também de apresentações em catálogos de exposições, Raul Porto “foi um grande aglutinador do G.V. Atento ao momento e às informações, promoveu contatos, atraiu adeptos, divulgou (...) e ainda dirigiu a galeria Aremar”.²⁰ A Galeria Aremar foi inaugurada em 8 de setembro de 1959, em Campinas. Funcionava na agência Aremar Viagens e Turismo, a qual Raul Porto era um dos proprietários, um espaço de atendimento combinado com uma pequena galeria, em que as exposições realizadas contariam com a participação de todos os integrantes do grupo Vanguarda de Campinas, alternadamente com os artistas de São Paulo. Raul Porto era aquele que promovia todos os contatos com artistas, críticos e atraía novos adeptos.

A presença dos paulistanos também se dava na apresentação dos catálogos dos artistas do grupo Vanguarda, em exposições realizadas em Campinas, como a de Maria Helena Motta Paes com a apresentação feita por Waldemar Cordeiro. O paulistano ressalta, nessa apresentação, a evolução e o direcionamento da artista para uma “linguagem objetiva”.²¹

Em um dos catálogos das exposições realizadas pela Galeria Aremar, é apresentada a mostra do artista Willys de Castro, de 12 a 26 de novembro de 1960. Nascido em Uberlândia - MG, Willys de Castro viveu desde criança em São Paulo. Participou de diversas exposições paulistas, nacionais e internacionais e, embora suas pesquisas formais se assemelhassem às propostas pelos concretistas, não participava ativamente do grupo. O artista ainda apresenta um texto próprio no catálogo da exposição, intitulado *O objeto ativo*, que foi republicado em 1961 pela revista *Habitat*.²² Trata-se de um texto de grande

¹⁸ SILVA, Dulcimira Capisani Moreira da. **O Grupo Vanguarda - 1958 - 1966**: um estudo de artes plásticas em Campinas. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 1991.

¹⁹ Anexo 5.

²⁰ SILVA, José Armando Pereira da. **Província e Vanguarda**: apontamentos e memória de influências culturais, 1954-1964. Fundo de Cultura do Município de Santo André. Santo André - SP, 2000.

²¹ Anexo 6.

²² Anexo 7.

importância para o período e para o entendimento da obra de Castro. Aponta, assim como os preceitos defendidos pelos concretistas, a importância da nova arte, da nova obra de arte, defendendo que “tal obra, realizada com o espaço e seu acontecimento, ao penetrar no mundo, perturba-o e, pelo seu surgimento, deflagra uma torrente de fenômenos perceptivos e significantes, cheios de novas revelações, até então inéditas nesse mesmo espaço”.²³

A Galeria Aremar era também um ponto de encontro dos artistas integrantes do grupo Vanguarda e em suas reuniões eram discutidas as obras por eles realizadas e o contexto artístico em que estavam inseridos. O que os unia, enquanto grupo, era apenas a necessidade de romper com o que era produzido artisticamente em Campinas até então. Porém, suas produções eram individuais e não compartilhavam, com algumas exceções, de algum ideal comum ou difundido no cenário artístico, como o concretismo. O que também não os impedia de pensar e propor questões plásticas e sociais, reconhecendo ainda sua condição provinciana não de forma pejorativa, mas com o fim de superá-la.

No entanto, não era a heterogeneidade do grupo campineiro que interessava aos concretistas paulistanos. O grupo de São Paulo necessitava de apoio, também fora da capital, para difundir seus novos ideais artísticos em âmbito nacional. Via, portanto, o grupo campineiro como peça importante para conquistar seus objetivos. O poeta Décio Pignatari afirma que o Grupo Vanguarda “foi o maior fenômeno que houve, fora do grande eixo Rio-São Paulo”. Porém, lamenta que o Grupo Vanguarda não tenha se aliado ao Grupo Concreto Paulista e desabafa dizendo que “o pessoal de Campinas que estava aqui, que tinha tudo, jamais se interessou por isso. E ninguém fez questão de pertencer ao nosso grupo, ninguém mudou a sua Arte em nada, continuaram a fazer o que tinham feito antes, e assim morreram...”. Também relata que se o grupo campineiro tivesse se unido ao grupo Concreto Paulista, “... teria tido conseqüências extraordinárias, na cultura brasileira”.²⁴

Já o artista Hermelindo Fiaminghi, diz que foi o grupo de São Paulo de buscou o contato com o grupo de Campinas e que o prêmio de Grande Medalha de Prata, do 9º Salão de Arte Moderna de São Paulo, de 1960, só foi dado a Thomaz Perina por intermédio do grupo da capital.²⁵ Tal relato demonstra que o grupo paulistano se interessava e se envolvia com outras aparições do grupo Vanguarda de Campinas, no cenário artístico da capital.

É importante ressaltar também que vários artistas campineiros expuseram em Bienais e em Salões Paulistas de Arte Moderna. A V Bienal contou com obras

²³ CASTRO, Willys de. **Willys de Castro**. Galeria Aremar - Campinas, 1960. Catálogo de Exposição.

²⁴ CAMPOS, Crispim Antônio. **Um olhar sobre o Grupo Vanguarda**: uma trajetória de luta, paixão e trabalho. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1996. In: Anexo entrevistas.

²⁵ *Idem*.

de Maria Helena Motta Paes e Geraldo Jurgensen e a VI Bienal trouxe também obras de Enéas Dedecca, Raul Porto e novamente obras de Maria Helena Motta Paes. A VII Bienal foi a que mais aceitou integrantes do grupo Vanguarda para a exposição, tais como Raul Porto, Geraldo Jurgensen, Maria Helena Motta Paes e Geraldo de Souza. Já nos Salões Paulistas, a VIII edição, de 1959, teve Geraldo de Souza premiado com uma Menção Honrosa. Raul Porto e Geraldo de Souza receberam, por suas obras expostas no XII Salão Paulista de Arte Moderna, a Pequena Medalha de Prata como premiação. Já Enéas Dedecca, recebeu a Grande Medalha de Prata como prêmio, pelo mesmo referido Salão. No XIII Salão Paulista, Maria Helena Motta Paes recebeu o prêmio de Pequena Medalha de Prata. Thomaz Perina não participou de nenhuma Bienal, entretanto, recebeu dois importantes prêmios no IX e no X Salões Paulistas de Arte Moderna, um sendo a Grande Medalha de Prata e o outro o Prêmio Governador do Estado, respectivamente.²⁶

Embora houvesse todo esse empenho por parte dos concretistas da capital, o grupo Vanguarda de Campinas também realizou exposições fora do eixo São Paulo - Campinas. Algumas exposições em Minas Gerais, na cidade de Poços de Caldas, promovida pela prefeitura municipal e pelo departamento municipal de turismo, e em Belo Horizonte, no Museu de Arte da Pampulha, e outras em cidades do interior do estado de São Paulo, como em Bebedouro, no Centro Cultural e em Santo André, na Biblioteca Municipal.

Individualmente, os campineiros ainda expuseram em galerias paulistanas, como a Galeria de Arte das “Folhas”, entre outras, como constam em alguns artigos de jornais da época, os quais retrataram esses acontecimentos, na maioria das vezes, de forma positiva. O crítico José Geraldo Viera aborda a exposição de Maria Helena Motta Paes, em um artigo publicado pelo jornal *Folha de São Paulo*, de 4 de fevereiro de 1961. Relata que “seus trabalhos orientam-se para a clave plástica de pintura concreta, pois as linhas e as formações geométricas não têm função de grafismo (...) apenas definem áreas e volumes dentro de superfícies cromáticas”. Além disso, acredita no desenvolvimento e no didatismo da atual fase da obra da artista, comparando seus processos aos de artistas como Mondrian e Ben Nicholson.²⁷

Recentemente, a Galeria paulistana Berenice Arvani organizou uma exposição intitulada *Preto no Branco: do Concreto ao Contemporâneo*, que ocorreu de 23 de abril a 28 de maio de 2010, apresentando obras de alguns integrantes do grupo Concreto Paulista e de Raul Porto, integrante do grupo

²⁶ Embora conste no livro *Thomaz Perina: Pintura e Poética*, de Days Peixoto Fonseca e José Armando Pereira da Silva, tais informações sobre as premiações de Perina, pude apenas comprovar a premiação de Grande Medalha de Prata, no IX Salão Paulista, por meio de artigos de jornais da época. No entanto, não encontrei algum artigo ou documento de época que comprovasse o Pêmio Governador do Estado, dado pelo X Salão Paulista de Arte Moderna, ocorrido em 1961.

²⁷ Anexo 8.

Vanguarda de Campinas. Analisando as obras expostas pela galeria, podemos apontar semelhanças e diferenças entre as obras dos artistas Hermelindo Fiaminghi e Raul Porto. A principal semelhança entre essas obras se dá através da construção do quadro, na qual ambos os artistas partem de formas abstrato-geométricas para produzirem experiências ótico-visuais, valendo-se, para isso, da vibração das formas geométricas e da disposição em que se encontram. Além do uso do branco e preto de forma alternada, também revelam questões de figura e fundo, negativo e positivo, devido ao uso dessas cores. Entretanto, essas obras apresentam diferenças, como, por exemplo, na obra de Fiaminghi (figura 2) que possui uma ordenação clara através de horizontais e verticais, sugerindo diagonais e uma possível continuação espiralada e centrífuga para além do quadro.

Ainda conta com espaços em branco nas laterais do quadro que “quebram”, de certa forma, com essa construção óptica. Já a obra de Porto (figura 1), apresenta formas semicirculares entre formas retangulares, fazendo o uso apenas da direção horizontal. Há um movimento decrescente da parte inferior para a parte superior do quadro, com relação ao tamanho das formas geométricas empregadas, sugerindo uma relação de perspectiva nesse movimento, o que não ocorre na obra de Fiaminghi.



Figura 1 - Raul Porto - *desenho nº2* - 1959



Figura 2 - Hermelindo Fiaminghi - *alternados horizontal e vertical* - 1955-1978

Em contraposição a essas obras, podemos observar que a obra de Thomaz Perina ou a de Maria Helena Motta Paes seguiam propostas pessoais e independentes, relativamente, às das propostas pelos concretistas e a do próprio

Raul Porto, ainda que pertencessem ao mesmo grupo. As seguintes imagens tornam mais claras essas diferenças.



Figura 3 - Thomaz Perina - *Paisagem* - 1960

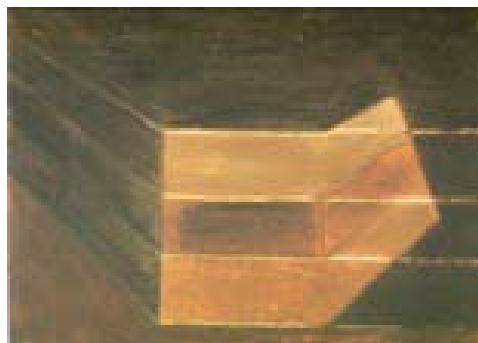


Figura 4 - Maria Helena Motta Paes - *Espaço Concreto*

A pintura de Thomaz Perina (figura 3), assim como afirmou Waldemar Cordeiro no catálogo da exposição do grupo Vanguarda na Galeria das "Folhas", veio "confirmar que o 'novo' como conteúdo pode revelar-se mesmo no abstracionismo lírico. Podemos, então, diferenciar no 'tachismo', o naturalismo da pura linguagem plástica".²⁸ As cores se contrastam entre claro e escuro, no entanto, não é a mesma intenção concretista desse uso. Já a obra de Maria Helena Motta Paes (figura 4), intitulada "Espaços Concretos", está muito distante do que foi discutido acima, acerca das obras de Raul Porto e de Hermelindo Fiaminghi, com relação aos preceitos concretistas. A artista utiliza cores, enquanto que os concretistas privilegiam o preto e branco. Além disso, utiliza massas de tinta na construção desses espaços geométricos, que não se traduz em uma dinâmica entre figura e fundo.

A recente exposição na galeria de arte paulistana, Berenice Arvani, revela também que há um interesse, por parte do mercado de arte, nacional e internacional, pelas obras produzidas pelos concretistas, no referido período artístico.

²⁸ CORDEIRO, Waldemar. **Artistas de Campinas**. Galeria de Arte das "Folhas" - São Paulo, 1959. Catálogo de exposição.

Cronologia de algumas das exposições e eventos relacionados aos grupos Vanguarda e Concreto Paulista entre o eixo São Paulo-Campinas e também fora dele

1957

- *I Exposição Nacional de Arte Concreta* - MAM, São Paulo e Ministério de Educação e Cultura, Rio de Janeiro.
- *I Exposição de Arte Contemporânea de Campinas* - Teatro Municipal de Campinas.

1958

- *II Exposição de Arte Contemporânea de Campinas* - Edifício Catedral, Campinas.
- Palestra-debate com Décio Pignatari, sobre poesia concreta - Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, 7 de maio de 1958.
- Exposição *Poesia Concreta* - Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, 21 de maio de 1958.

1959

- *V Exposição de Arte Contemporânea de Campinas* - Teatro Municipal, Campinas.
- Curso de Arte Contemporânea, ministrado por Waldemar Cordeiro, Décio Pignatari, Damiano Cozzela e Alexandre Wollner - Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, 21 de abril de 1959.
- Exposição *Artistas de Campinas* - Galeria de Arte das "Folhas" - São Paulo, 22 de agosto de 1959.
- Inauguração da Galeria Aremar - Campinas, 8 de setembro de 1959.

1960

- Exposição *Grupo Vanguarda de Campinas* - Poços de Caldas - MG, de 14 a 28 de agosto de 1960.
- Exposição *Grupo Vanguarda de Campinas* - Museu de Arte da Pampulha - Belo Horizonte, de 10 a 30 de setembro de 1960.
- Exposição *Willys de Castro* - Galeria Aremar - Campinas, de 12 a 26 de novembro de 1960.

1961

- Exposição *Grupo Vanguarda de Campinas* - Centro Cultural de Bebedouro - Bebedouro - SP, 30 de abril de 1961.
- Exposição *Grupo Vanguarda de Campinas* - Galeria Prestes Maia - São Paulo, 16 de setembro de 1961.

1962

- Exposição *Grupo Vanguarda de Campinas* - Galeria Cromoi - São Paulo, 26 de julho de 1962.

Agradecimentos

Essa pesquisa só foi possível de ser concretizada através de pesquisa e registro fotográfico e cópia xerográfica de artigos de jornais, catálogos de exposições e documentos de época, a partir de visitas aos acervos do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, das Bibliotecas da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte Moderna de São Paulo e do acervo do Arquivo Histórico Wanda Svevo, situado na Fundação Bienal de São Paulo. Bem como a visita à Galeria Berenice Arvani, onde foi realizada a exposição *Preto no Branco*, que ilustrou os conteúdos pesquisados através de obras pertinentes ao período artístico abordado pela pesquisa. Também ao apoio do CNPq e da FAPESP, pelo financiamento do projeto.

Referências Bibliográficas

- AMARAL, Aracy (Org.). **Arte Construtiva no Brasil. Coleção Adolpho Leirner**. São Paulo: Melhoramentos, DBA Artes Gráficas, 1998.
- BOHNS, Neiva Maria F. **Idéias visíveis. Waldemar Cordeiro e as razões do concretismo no Brasil**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.
- CAMPOS, Crispim Antônio. **Um olhar sobre o Grupo Vanguarda: uma trajetória de luta, paixão e trabalho**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 1996. 122p.
- COUTO, Maria de Fátima Morethy. **Por uma vanguarda nacional: a crítica brasileira em busca de uma identidade artística (1940 - 1960)**. Campinas - SP: Ed. UNICAMP, 2004.
- FONSECA, Days Peixoto; SILVA, José Armando Pereira da. **Thomaz Perina - Pintura e Poética**. Campinas: [s.n.], 2005.
- GULLAR, Ferreira. **Etapas da arte contemporânea: do cubismo à arte neoconcreta**. 3. ed. Rio de Janeiro: Revan, 1999.
- KLABIN, Vanda Mangia. "A questão das idéias construtivas no Brasil: o momento concretista". **Gávea. Revista de História da Arte e Arquitetura**. Rio de Janeiro, n. 1, mar, 1985. pp. 45 - 54.
- SILVA, Dulcimira Capisani Moreira da. **O Grupo Vanguarda - 1958-1966: um estudo de artes plásticas em Campinas**. Dissertação (Mestrado). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 1991.
- SILVA, José Armando Pereira da. **Thomaz Perina e a Vanguarda em Campinas**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte. Universidade de São Paulo. São Paulo - SP, 2005.
- _____. **Província e Vanguarda: apontamentos e memória de influências culturais, 1954 - 1964**. Fundo de Cultura do Município de Santo André. Santo André - SP, 2000.
- ZAGO, Renata Cristina de Oliveira Maia. **Os salões de arte contemporânea de Campinas**. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2007. 160p.

ANEXOS

Anexo 1 - *Jornal Diário do Povo*, de 21 de maio de 1958.



Anexo 2 - Jornal Correio Popular, de 7 de maio de 1958.



Anexo 3 - Jornal Correio Popular, de 21 de abril de 1959.



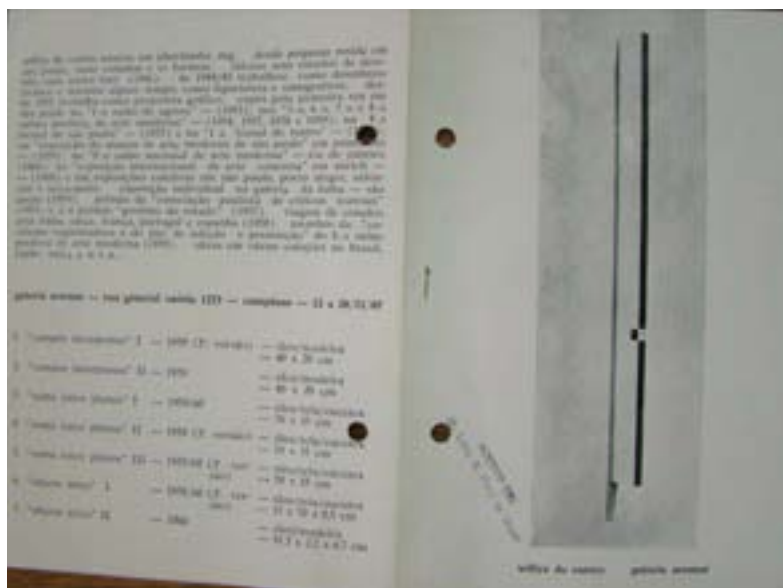
Anexo 4 - *Jornal Folha da Manhã*, de 30 de agosto de 1959.



Anexo 5 - *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, número 65, ano 57, 1958/1959.



Anexo 7 - Catálogo da exposição de Willys de Castro, Galeria Aremar.



Anexo 8- Jornal Folha de São Paulo, exposição de Maria Helena Motta Pais.

